

Trabalhos de Arqueologia da EAM



Edições Colibri

1998

3/4

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA DA E.A.M.

Revista anual da Associação para o Estudo Arqueológico da
Bacia do Mondego - E.A.M.

Director: João Carlos de Senna-Martinez

Conselho de Redacção: Direcção da E.A.M. (biénio 1994-1995: João Carlos de Senna-Martinez, António Carlos Valera e Ana Paula Henriques)

Proprietário do título: Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego

ISSN: 0872 - 5039

Edição: Edições *Colibri*

Distribuidor: SODILIVROS

Capa: Ricardo Moita. Orca do Fontão ou do Carvalho da Louça (foto de J.C. Senna Martinez, 1985)

Depósito Legal: 66224/93

Impressão e acabamentos: *Colibri* - Artes Gráficas

Preço de Capa: 2100\$00

A correspondência relativa a colaboração, permuta, oferta de publicações, etc., deve ser dirigida a:

Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego - E.A.M.
Apartado 50112 - 1703 Lisboa Codex

Acabado de imprimir em Janeiro de 1998

Solicita-se permuta / On demande l'échange / Man bittet um Austausch / Exchange requested

Publicação subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão) Trabalhos realizados em 1988*

*João Luis CARDOSO**,
Carlos Tavares da SILVA***,
João Carlos CANINAS****
e Francisco HENRIQUES******

Resumo

São apresentados os primeiros resultados das escavações arqueológicas no Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão, Beira Baixa). Detectou-se um único nível de ocupação, cuja fraca espessura parece corresponder a um estabelecimento de curta duração. As estruturas postas a descoberto (“empedrados de combustão”, “cinzeiros” e “buracos de poste”) são funcionalmente complementares e configuram uma unidade habitacional que se considerou integralmente escavada. Documentou-se uma zona de descanso (cabana-paravento), uma zona de actividade com estruturas de combustão e uma zona de acumulação de detritos.

O espólio lítico forma um conjunto tipologicamente diversificado, mas em que cada grupo se encontra representado por escasso número de artefactos, sendo de destacar o predomínio dos relacionados com a caça (trapézio, triângulo, pontas de seta). A tipologia aponta para o Neolítico final.

A cerâmica, tipologicamente integrável no mesmo período, é dominada por formas simples, esféricas ou ovóides, sendo raros os exemplares pertencentes a formas consideradas especializadas (pratos, taças de bordo espessado, taças carenadas), o que parece reforçar a hipótese de nos encontrarmos em presença de um estabelecimento de curta duração e de vocação agrícola pouco acentuada. A decoração, incisa e plástica, ocorre numa frequência muito baixa.

Abstract

We present the first results of fieldwork conducted at the site of Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão, Beira Baixa, Portugal). Excavations revealed a single occupation level apparently corresponding to a short term occupation of the site.

We interpret the structures found (stone paved hearths, ash-pits and post-holes) as belonging functionally to a single habitational unit fully excavated and comprehending three occupational areas: a resting area (hut or windbreak), an activity area with hearths and pits, and a toss area.

The lithic industry is typologically diversified but dominated by hunting related artefacts (microliths and arrowheads) and is of final Neolithic affiliation as well as the pottery.

The pottery types present mainly comprise simple spherical and ovoid shapes with a very few examples of more specialised ones (plates, carinated and thickened-lip bowls) and with a low frequency of decoration (incised or plastic), which seems to strengthen the hypothesis of a non-agricultural and short-lived settlement.

* Comunicação apresentada nas *Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991.

** Professor da Universidade Nova de Lisboa, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

*** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

**** Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

1. Introdução. Situação geográfica

Em fins de Março de 1988, integrado no Projecto Paleoantropologia e Paleocologia no Alto Tejo Português, foram localizados no sítio designado por Cabeço da Velha, próximo da aldeia do Juncal, vestígios de uma ocupação pré-histórica, por membros da Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. As respectivas coordenadas hectométricas de um ponto central são as seguintes (Fig.1): M - 231,0/P - 292,0 (*Carta Militar de Portugal*, na escala 1:25 000, folha nº 313).

Tal projecto tinha como objectivo a verificação do potencial interesse arqueológico das plataformas detriticas situadas nas proximidades da grande plataforma onde foi localizado, e se encontrava, na época, em curso de escavação, o importante povoado fortificado calcolítico da Charneca de Fratel (SOARES, 1988).

Os vestígios, então recolhidos à superfície, eram constituídos por escassos fragmentos de cerâmica, de características indiscutivelmente pré-históricas, avultando entre o material lítico, fragmento de uma enxó de rocha anfibolítica.

Dado o interesse que tal achado poderia revestir para o conhecimento da estratégia de povoamento pré-histórico do território de Fratel, foi programada e concretizada, logo na Páscoa de 1988, uma sondagem arqueológica no local, cujos resultados agora se apresentam, a qual teve o apoio financeiro da Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente e da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

Os trabalhos decorreram de 31 de Março a 8 de Abril de 1988; colaboraram com os signatários nos trabalhos de campo Antónia Coelho Soares e Júlio Costa (desenho de estruturas), do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, um grupo de elementos da Associação de Estudos do Alto Tejo e três dos habituais colaboradores do primeiro dos signatários (Leonel Spencer, Carlos Sousa e Jorge Rodrigues). Os desenhos dos materiais são da autoria de B. Ferreira.

2. Trabalhos realizados

A área a escavar foi quadriculada segundo um sistema de eixos ortogonais, divididos em segmentos de 1 m. Cada quadrado (1 m²) foi designado por dois números árabes, correspondendo o primeiro ao eixo dos xx e o segundo ao dos yy.

A escavação abrangeu a superfície de 82 m², tendo-se atingido, em toda a área, o topo da formação plistocénica (camada 3).

3. Estratigrafia e fases de ocupação

De cima para baixo, observou-se a seguinte sequência:

- C.1 esp. ca. 0,15 a 0,20m. Sedimento areno-argiloso castanho-acinzentado, rico em calhaus. Perturbada pelas lavouras. Forneceu fragmentos de cerâmica pré-histórica, em geral rolados, e utensilagem lítica de sílex, quartzito e quartzo.

- C.2a. esp. ca. 0,05 a 0,10m. Sedimento castanho-amarelado areno-argiloso, com pequenos calhaus. Além de utensilagem de sílex, quartzito e quartzo, alguns quadrados ofereceram numerosos fragmentos de cerâmica pré-histórica, pouco rolados ou sem rolamento. Trata-se do nível correspondente à fase de ocupação pré-histórica do local.

- C.2b. esp. ca. 0,05m. Sedimento castanho-amarelado areno-argiloso rico em calhaus rolados de maiores dimensões do que os da C.2a.; quase arqueologicamente estéril. No seu topo, afloravam estruturas de habitat: "empedrados de combustão"; "cinzeiros"; "buracos de poste".

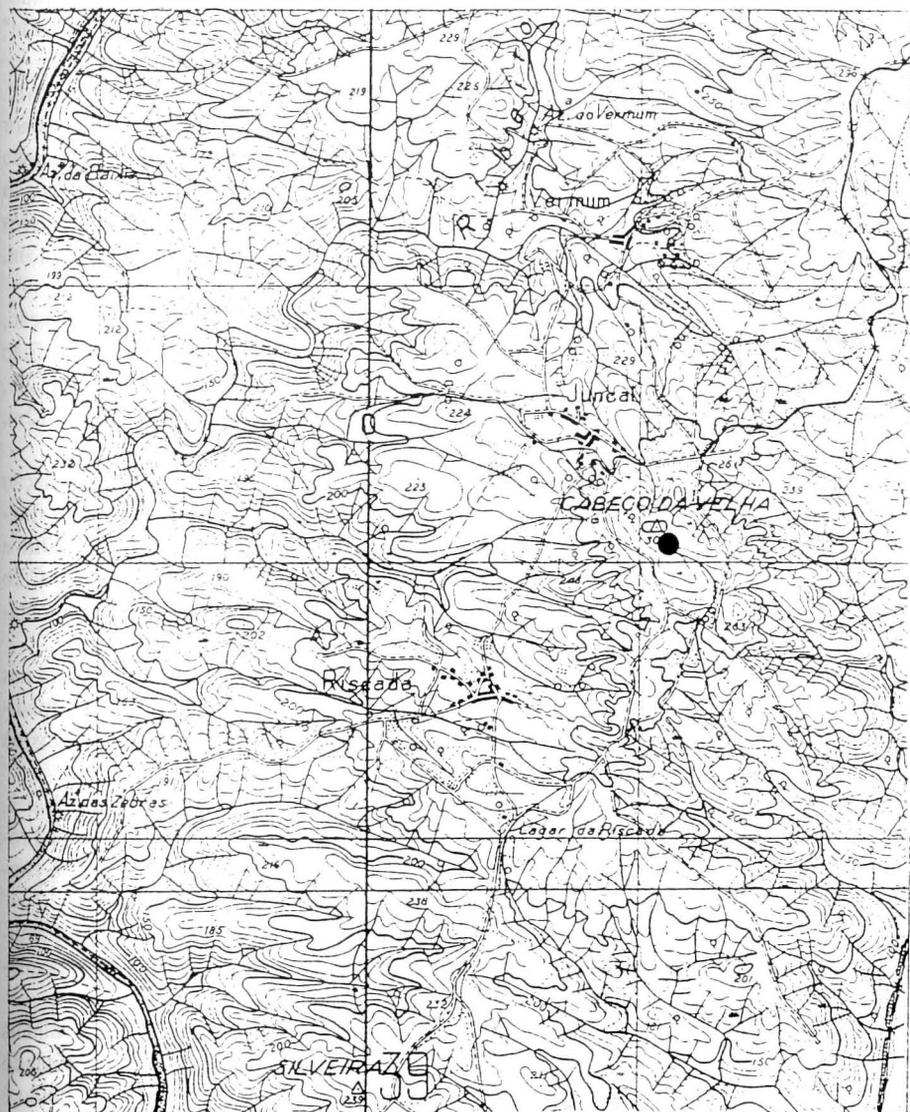


Fig. 1 - Localização da estação arqueológica na folha 313 da Carta Militar de Portugal.

- C.3 esp. indeterminada. Cascalheira formada por abundantes calhaus rolados de quartzo, quartzito e rochas metassedimentares embaladas por sedimento areno-argiloso castanho-amarelado.

Da estratigrafia descrita, verifica-se que, do ponto de vista arqueológico, não é detectável mais do que uma ocupação pré-histórica.

4. Estruturas

Como atrás se disse, as estruturas implantam-se no topo da camada 2b, distribuindo-se por diversos tipos: "empedrados de combustão", "cinzeiros" e "buracos de poste" (Fig. 2).

Estrutura A (Qs X=2 a 4; Y=-2 e -3). "Empedrado de combustão". Planta oval. Contorno bem definido. Eixo maior, de orientação N/S, com ca. 1,75m; eixo menor com ca. 1,10m. Acumulação muito densa de calhaus rolados, preenchendo depressão aberta na C.2b. Os calhaus, com raras fracturas de origem térmica (alguns estalados in situ) são de quartzito (muito abundantes) e de quartzo de filão (raros); as dimensões máximas situam-se entre 0,04m e 0,15m, mais frequentemente entre 0,10m e 0,13m. Não foi desmontado.

Estrutura B (Qs X=-1; Y=-5 e -6). "Empedrado de combustão". Densa acumulação, de contorno irregular, de calhaus rolados de quartzito, grauvaque e quartzo de filão (raros), por vezes com fracturas de origem térmica. Preenche depressão aberta na C.2b., com 0,9m, por 0,8m. As dimensões máximas dos calhaus oscilam entre 0,04m e 0,22m, sendo mais frequentes os de 0,15m. Não foi desmontado.

Estrutura C (Qs X=2; Y=2 e 3). "Empedrado de combustão". Densa acumulação oval de calhaus rolados de quartzito, grauvaque e quartzo de filão, por vezes com fracturas de origem térmica, e com dimensões máximas compreendidas entre 0,07m e 0,20m, mais frequentemente entre 0,10m e 0,13m. Preenche cavidade aberta na C.2b com eixo maior de 0,5m e orientação N/S, e eixo menor com 0,35m. Não foi desmontado.

Estrutura D (Qs X=2; Y=-5 e -6). "Cinzeiro" (0,75m a 0,90m). Depressão aberta nas Cs. 2b e 3, simétrica, subcircular (0,75m a 0,90m de diâmetro) com 0,20m de profundidade máxima, preenchida por areia cinzenta escura contendo pequenos fragmentos de calhaus que apresentam fracturas de origem térmica.

Estrutura E (Qs X=2 e 3; Y=3 e 4). "Cinzeiro". Depressão aberta nas Cs. 2b e 3, oval ou subcircular (escavada somente em cerca de metade), dissimétrica (maior profundidade, de 0,25m, junto do lado Sudeste), preenchida por areia argilosa negra, contendo fragmentos de calhaus com fracturas de origem térmica.

Estrutura F (Qs X=2; Y=-1). "Buraco de poste" estruturado por lajes de xisto, actualmente em posição oblíqua, delimitando área com 0,12m por 0,20m; no fundo, pequenas lajes de xisto sub-horizontais.

Estrutura G (Qs X=1; Y=-2 e -3). "Buraco de poste" estruturado por grandes calhaus rolados (alguns com 0,2m de dimensão máxima), por vezes sobrepostos, delimitando área subcircular com ca. 0,2m de diâmetro; profundidade máxima ca. 0,16m. O fundo é formado por calhaus rolados.

Estrutura H (Qs X=-2; Y=-2 e -3). "Buraco de poste" (?) estruturado por calhaus rolados (dimensão máxima ca. 0,16m), alguns dispostos de cutelo, delimitando área sub-triangular (0,15m por 0,15m). O fundo é formado por um calhau rolado.

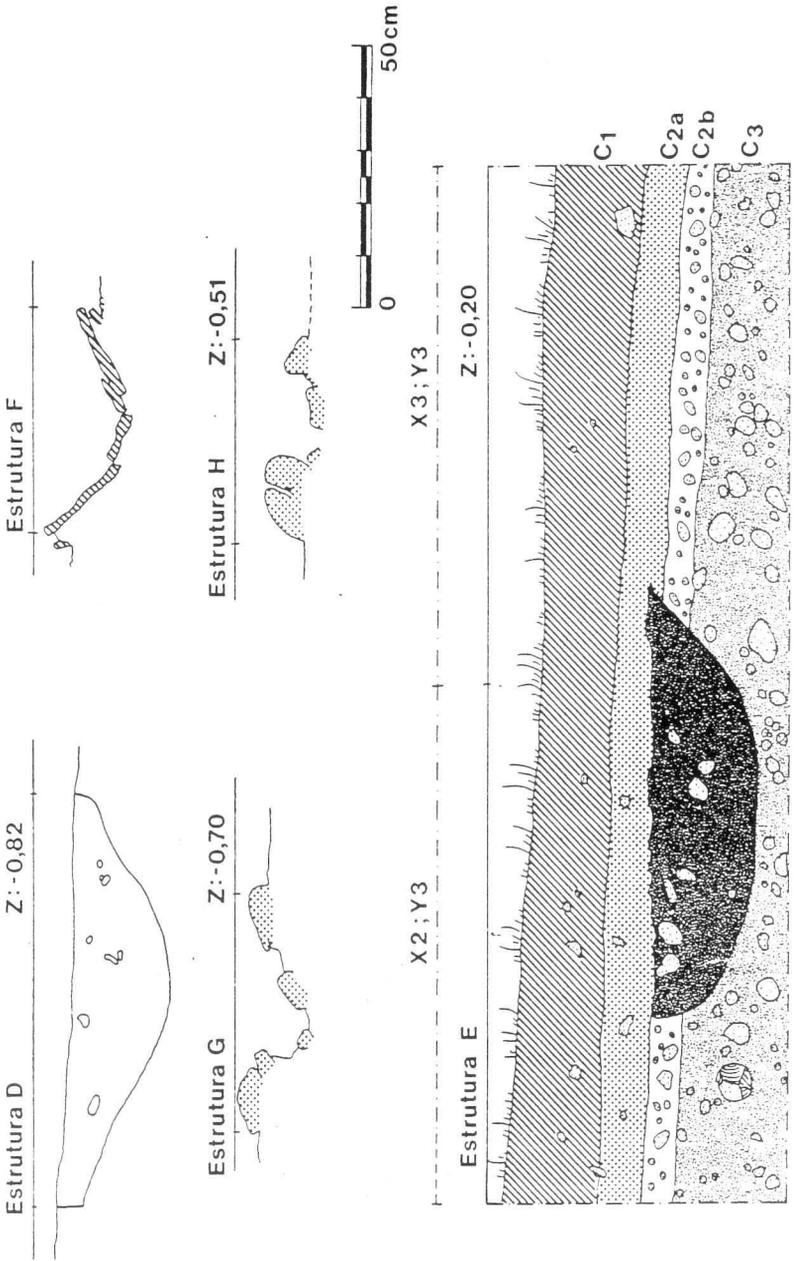


Fig. 3 - Perfil estratigráfico e perfis de algumas estruturas escavadas: cinzeiros (Estruturas D e E) e buracos de poste (Estruturas F, G e H).

Estrutura I. Estrutura de reforço de base de cabana (?). Integra a Estrutura H. Fiada, em arco de círculo, de grandes calhaus rolados (atingem frequentemente 0,2m de dimensão máxima) assentes sobre o topo da C.2b. Aberta a Sul, corda e flecha com aproximadamente 5m e 2m respectivamente.

5. Interpretação funcional

As estruturas descritas, todas elas de carácter habitacional e funcionalmente complementares, configuram pelo menos uma unidade habitacional que se considerou integralmente escavada.

Esta conclusão é consubstanciada pelos seguintes elementos de observação:

a) a existência de uma zona onde a densidade de espólio (cerâmico) é mínima. Em planta verifica-se que essa área corresponde à localização das estruturas F, G e H e ainda a parte da estrutura A (Fig. 2). Tal facto deve-se às limpezas que, constantemente, eram efectuadas no chão da habitação.

b) a concentração de espólio é máxima numa área situada a Sul e Sudoeste destas estruturas. Considerando o regime actual dos ventos na região verifica-se que estes sopram predominantemente do quadrante de Noroeste (Carta de Ventos, Atlas do Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, 1984). Desta forma, a estrutura A (empedrado de combustão), a maior deste tipo das três reconhecidas (estrutura B e estrutura C) necessitaria de uma protecção cujos vestígios no terreno importava reconhecer. Esses vestígios poderiam configurar-se num paravento ou numa cabana. Considerando as estruturas F, G e H (interpretadas como buracos de poste estruturados) verifica-se que a sua disposição é consentânea com aquela necessidade de protecção; ficava por esclarecer se integrariam um paravento ou uma cabana. Em reforço da primeira hipótese observa-se um alinhamento de calhaus rolados em arco (estrutura I), aberto a Sul, fixado em postes cujas fundações se identificavam como sendo as estruturas F, G e H.

Assim se explica também a escassez de espólio observado no interior deste recinto, bem como a já mencionada concentração daquele a Sul e Sudoeste deste espaço (área exterior de actividade).

As restantes estruturas situavam-se no exterior desta unidade habitacional, repartindo-se por "empedrados" e "cinzeiros"; estes funcionariam como lareiras onde o fogo teria um aproveitamento directo, idêntico às mais antigas estruturas de combustão conhecidas na Europa (Terra Amata, LUMLEY *et al.*, 1984) ou às identificadas no Neolítico antigo da região de Sines (Vale Pincel I, SILVA & SOARES, 1981.); em alternativa, poderíamos admiti-las como destinadas à recolha das cinzas produzidas nas estruturas de combustão anteriormente referidas - os "empedrados". Segundo esta interpretação, a estrutura D ("cinzeiro") recolheria os detritos da estrutura A e da estrutura B. Do mesmo modo, a estrutura E poderia recolher os detritos produzidos na estrutura C. No entanto, deve salientar-se que a posição relativa de ambas, face aos ventos dominantes, não é a mais adequada. Estas duas estruturas poderiam estar relacionadas com outra unidade habitacional, situada em área não escavada.

A ser assim, teríamos várias cabanas-paraventos, constituídas por estruturas perecíveis, em que a fixação ao solo das paredes laterais, fundadas através de postes estruturados que as suportariam em altura, seria denunciada actualmente por alinhamentos de seixos.

A estratégia de ocupação do espaço, na área escavada, onde se encontra documentada uma zona de descanso (cabana), uma zona de actividade (empedrado de combustão) e uma zona de acumulação de detritos (numa área conjugada da anterior), apresenta múltiplos paralelos, desde o Paleolítico superior, como são as estruturas identificadas em Pincevent (JULIEN, *et alii.*, 1987.) até ao final da Pré-história recente do território português (Bronze Final - estação da Tapada da Ajuda, CARDOSO, *et alii.*, 1986., resultados ainda inéditos).

6. Espólio

6.1. Indústria lítica (Est. I a V)

6.1.1. Pedra polida

Recolheu-se apenas um fragmento de artefacto de pedra polida, à superfície, antes do início dos trabalhos de escavação. Trata-se de porção de um machado de rocha anfibólica (Est. I, nº 5).

6.1.2. Pedra lascada

A matéria-prima em que são executados os artefactos de pedra lascada recolhidos na área escavada pode ser subdividida em dois grandes grupos: a de origem local e a que é exógena. Dentro do primeiro grupo, referência para a macro-utensilagem de quartzito, xisto silicioso e quartzo filoneano, sob a forma de lascas de talhe, utilizadas como raspadores (por vezes com indícios de utilização) e de seixos afeiçoados (técnica languedocense). Quanto ao grupo das rochas exógenas, é nele que se acantona a micro-utensilagem, quase exclusivamente de sílex; acessoriamente ocorre o quartzo hialino (cristal de rocha) e a opala.

Na análise tipológica da macro-utensilagem consideraram-se os seguintes tipos:

A - Raspadeiras e raspadores

- uma raspadeira sobre seixo (Est. I, nº 1);
- uma raspadeira sobre lasca (Est. I, nº 4);
- um seixo raspador (Est. I, nº 3);
- quatro raspadores sobre lasca, dos quais três simples rectilíneos (Est. II, nº 1; Est. III, nº 6 e nº 9) e um duplo sobre seixo (Est. III, nº 8).

B - Furadores e peças aparentadas

- uma peça compósita com furador pronunciado num dos vértices e larga "encoche" contígua (Est. III, nº 2);
- dois "bicos" retocados, pouco pronunciados (Est. III, nº 7 e Est. IV, nº 1).

C - Buris

- um buril de ângulo (Est. IV, nº 2).

D - "Encoches", denticulados e diversos

- uma "encoche" sobre fragmento de seixo (Est. III, nº 3);
- dois denticulados sobre lasca (Est. I, nº 2; Est. IV, nº 3);
- diversas lascas retocadas ou com vestígios de utilização (Est. II, nº 3; Est. III, nº 1 e nº 4; Est. IV, nºs 4-7).

Dentro da utensilagem microlítica podem individualizar-se os seguintes grupos:

A - Raspadores

- um raspador simples convexo de retoques abruptos (Est. IV, nº 8).

- B - "Encoches"
- uma "encoche" dupla sobre lasca laminar (Est. IV, nº 9).
- C - Furadores
- furador(?) espesso de talhe bifacial (Est. IV, nº 10).
- D - Denticulados
- dois exemplares, dos quais um, laminar de retoque cobridor (Est. IV, nº 11), sendo o outro sobre lasca (Est. IV, nº 12).
- E - Lâminas
- quatro exemplares, dois retocados (Est. IV, nºs 13 e 14) e dois não retocados (Est. IV, nºs 15 e 16).
- F - Lamelas
- duas lamelas, uma de sílex (Est. IV, nº 17) e uma de quartzo hialino, com o bordo esquerdo retocado e bordo direito possuindo entalhe profundo (Est. IV, nº 18).
- G - Micrólitos
- duas truncaturas retocadas sobre lasca (Est. IV, nºs 19 e 20);
- trapézio de base côncava (Est. IV, nº 21);
- triângulo de base côncava (Est. IV, nº 22).
- H - Pontas de seta
- todos os exemplares apresentam base convexa (Est. IV, nº 24 e Est. V, nºs 1-3) ou triangular (Est. IV, nº 23). Os retoques são, em geral, marginais, deixando entrever as lâminas em que foram afeiçãoadas. Apenas uma (Est. V, nº 3) possui retoques bifaciais cobridores. Uma outra foi feita sobre lasca de quartzo (Est. V, nº 2).
- I - Lascas com retoque e vestígios de utilização
- oito lascas com vestígios de utilização ou retoques marginais (Est. V, nºs 4-12).
- J - Núcleos
- um núcleo de lascas, discóide e exausto (Est. V, nº 13);
- um núcleo prismático para lascas lamelares (Est. V, nº 14);
- dois núcleos para lamelas (Est. V, nºs 15 e 16).

Trata-se de um conjunto tipologicamente diversificado, estando cada grupo representado por escasso número de objectos, quer ao nível da macro-utensilagem (furadores, denticulados e buris), quer da micro-utensilagem (micrólitos, lamelas e entalhes).

Predominam na macro-utensilagem os artefactos destinados a raspar, nomeadamente raspadeiras, raspadores e lascas com indícios de retoque e de utilização junto dos bordos, as quais constituem também o grupo mais abundante ao nível da micro-utensilagem. Porém, o grupo que avulta é o das pontas de seta, representado por cinco exemplares cuja tipologia aponta para o Neolítico final, a par dos micrólitos (truncaturas, trapézio e triângulo).

Trata-se de um conjunto, em que é nítido o predomínio dos artefactos relacionados com a caça (pontas de seta), estando os restantes grupos potencialmente ligados também a esta actividade (raspadores, raspadeiras, furadores, buris, etc).

O pequeno número de artefactos de cada grupo, não obstante a diversificação tipológica observada, acentua o carácter episódico da ocupação correspondente, certamente,

a local onde, durante um curto período de tempo, permaneceu reduzido grupo, munido apenas dos artefactos indispensáveis às actividades diárias.

6.2. Cerâmica (Est. VI e VII)

A cerâmica surgiu muito fragmentada: raramente os fragmentos atingem dimensão máxima superior a 50 mm. Dos exemplares exumados, somente 98, com bordo, permitem determinar a forma geral do respectivo recipiente. A pasta, francamente micácea numa frequência relativa de 21% é, em grande parte (46%), pouco compacta, com abundantes elementos não plásticos (e.n.p.) superiores a 1 mm. A maioria (49%) oferece pasta compacta e abundantes e.n.p. até 1 mm e escassos superiores a 1 mm. Só 5% apresentam pasta fina (raros e.n.p. superiores a 0,5 mm).

Predominam os exemplares cozidos em ambiente redutor (53% têm núcleo e superfícies cinzentas), por vezes com fase de arrefecimento oxidante (núcleo cinzento e superfícies, ou só uma das superfícies, castanho-avermelhadas, em 25%); 20% mostram núcleo e superfícies castanho-avermelhadas, embora com manchas acinzentadas (cozedura irregular processada em ambiente oxidante).

Ocorrem as seguintes formas:

- A - Prato de bordo não espessado (Est. VI, nº 1 a 4): 4%; lábio aplanado.
- B - Taça baixa em calote (Est. VI, nº 5 e 6): 2%; paredes muito inclinadas para o exterior; bordo direito e simples; lábio aplanado.
- C - Taça média/alta em calote (Est. VI e VII, nº 7 a 62): 57%; paredes pouco inclinadas para o exterior ou subverticais; bordo raramente introvertido ou extrovertido e quase exclusivamente simples (o nº 60 oferece ligeiro espessamento interno, lembrando a taça de bordo espessado); lábio predominantemente aplanado ou convexo-aplanado, menos frequentemente convexo ou em bisel.
- D - Esféricos de parede subvertical ou ligeiramente inclinada para o interior (Est. VII, nº 63 a 93 e 97): 31%; bordo em geral simples (o nº 81 é espessado interna e externamente) e direito (o nº 97 possui bordo extrovertido); lábio aplanado ou convexo, raramente em bisel.
- E - Globular (Est. VII, nº 94 a 96): 3%; parede muito inclinada para o interior; bordo simples (nº 94 e 95) ou espessado (nº 96); lábio convexo.
- F - Taça carenada (Est. VII, nº 98): 1%; parede subvertical; lábio em bisel (o nº 99, com carena mas sem bordo, pertence talvez a uma taça de carena alta).

Apenas 4 dos 104 fragmentos classificados pertencem a recipientes de fundo plano: um deles é de um prato (nº 101); os restantes, com parede ligeiramente inclinada para o exterior, correspondem a vasos altos; o nº 103, muito espesso, teria feito parte de um recipiente de grandes dimensões.

De um modo geral, as superfícies da cerâmica do Cabeço da Velha foram simplesmente alisadas, não se conhecendo nenhum exemplar com vestígios de polimento.

A decoração ocorre numa frequência muito baixa (3% em relação ao número de exemplares com bordo). Estão presentes as técnicas incisa e plástica:

- o nº 61, correspondente a taça alta de lábio convexo, oferece bordo com decoração denteada e três linhas incisadas e horizontais na superfície externa;
- o nº 77, esférico de paredes subverticais, apresenta pequeno mamilo cónico;

- o nº 100, fragmento de grande recipiente de forma geral indeterminada, é decorado por mamilo cónico. Este mamilo poderia desempenhar, também ou exclusivamente, funções de preensão.

No presente conjunto ocorrem, embora em proporções muito distintas, as principais características da cerâmica dos *habitats* do Neolítico final quer da Estremadura (fase I de Leceia, Oeiras) quer do Sudoeste (Vale Píncel II, Sines ou Cabeço da Mina, Alcácer do Sal): repertório morfológico e escassa decoração, representada pelo "bordo denteado" e por mamilos.

Porém, as formas mais especializadas (pratos, taças de bordo espessado, taças carenadas), surgem, no Cabeço da Velha, em frequências relativas muito baixas, ao contrário do que se verifica naqueles contextos (38% de taça carenada, no Cabeço da Mina, por exemplo).

Dever-se-ão atribuir estas diferenças a razões culturais ou a factores de ordem funcional? No primeiro caso, a nossa jazida integraria um novo grupo cultural o que, sendo admissível, não pode, por enquanto, ser fundamentado, considerando a ausência de outros estudos sobre *habitats* deste horizonte conhecidos na região. No segundo caso, o Cabeço da Velha poderia corresponder a um estabelecimento de curta duração e de vocação agrícola pouco acentuada, o que, aliás, parece ser indiciado por outros aspectos.

7. Cronologia e enquadramento cultural

A tipologia do instrumental lítico, particularmente a presença de trapézios e triângulos, de entre a indústria microlítica, e a de pontas de seta de base triangular, indica tratar-se de ocupação do Neolítico final. Tal conclusão é reforçada pela cerâmica lisa à qual se encontra associado fragmento decorado com nítidas analogias com cerâmicas do Neolítico final da Estremadura.

Deste modo, podemos admitir que, durante o Neolítico final, os habitantes desta região receberiam simultaneamente influências do interior alentejano e beirão, sem dúvida dominantes, às quais se sobrepunham outras, de origem ocidental, ligadas ao círculo cultural estremenho. Tal conclusão é, aliás, perfeitamente compatível com a situação geográfica da jazida.

A ocupação de planaltos arenosos apresenta mais exemplos no território próximo, em ambas as margens do Tejo. Parece tratar-se, como neste caso, de povoados abertos, situados em pontos altos por razões de dominação visual dos territórios adjacentes, e de salubridade, proporcionadas pela natureza arenosa dos seus terrenos. Admite-se que estejam em correlação com importante conjunto de monumentos megalíticos e com a arte rupestre do Tejo (CANINAS & HENRIQUES, 1987.).

Num destes povoados, o da Charneca de Fratel, as escavações ali já realizadas, e cujos resultados se encontram em fase de estudo (SOARES, 1988.), documentaram, entre outras, também uma fase de ocupação datada do Neolítico final e em regime de povoamento aberto.

8. Conclusões

A escavação realizada em 1988 no Cabeço da Velha permitiu obter as seguintes conclusões gerais:

- trata-se de uma unidade habitacional, definida por várias estruturas (empedrados de combustão, cinzeiros, buracos de poste, reforço de cabana) coerentes entre si e complementares;

- a estratigrafia vertical, bem como a relação espacial entre as diversas estruturas postas a descoberto indicam apenas uma ocupação arqueológica, sem dúvida de curta duração;

- a sua localização em ponto alto, dominante de extensa área envolvente, poderá relacionar-se com a actividade venatória de pequeno grupo que aí terá estacionado em determinado período de tempo. A natureza arenosa da sua cobertura oferecerá também boas condições de salubridade ao *habitat*;

- as características do espólio lítico, em que se encontram bem representadas numericamente as pontas de seta e as armaduras microlíticas, e da cerâmica, em que predominam esmagadoramente as formas pouco especializadas, sendo muito raras as relacionáveis com actividades agrícolas cerealíferas (caso das grandes taças carenadas), aliadas ao carácter e dimensões do *habitat*, parece corresponderem a um estabelecimento que teria na caça uma das principais actividades económicas;

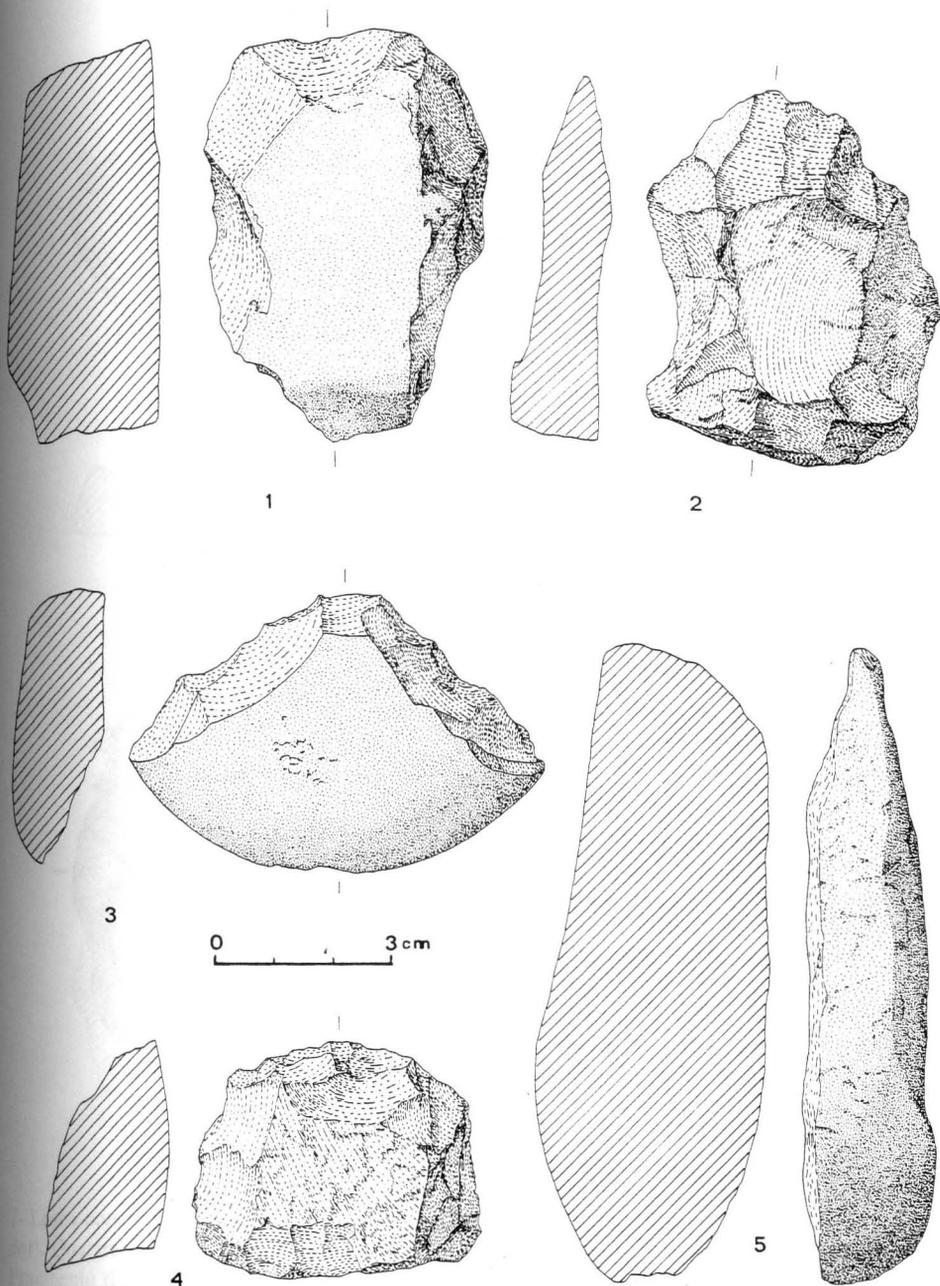
- do ponto de vista tipológico, os materiais são homogéneos, indicando o Neolítico final, denotando influências do mundo estremenho, ocidental, caldeadas com outras, dominantes, ligadas às Beiras e Alto Alentejo. Tal constatação é, aliás, compatível com a posição geográfica da jazida.

REFERÊNCIAS:

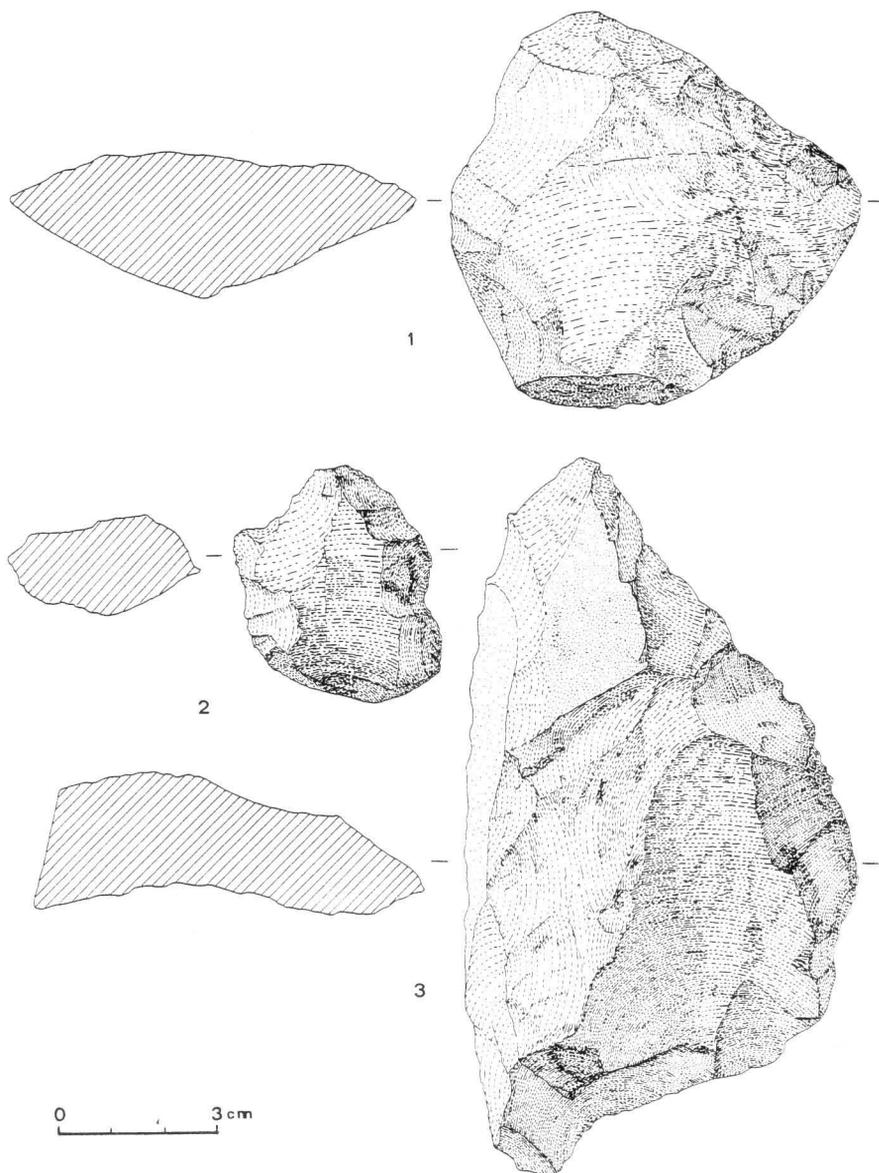
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F. J. R. 1987. "Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no Concelho de Nisa", in: *Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Castelo de Vide, pp. 69-82.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. A. F.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. F. 1986. "A Jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda", Lisboa, in: *Revista Municipal*, vol. 15, pp. 3-18.
- JULIEN, M.; KARLIN, C. & BODU, P. 1987. "Pincevent: Où en est le Modèle Théorique Aujourd'hui?", in: *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 84 (10-12), pp. 335-342.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. 1977. "Contribuição para o conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve", in: *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, pp.179-272.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. 1981. *Pré-História da Área de Sines. Trabalhos Arqueológicos de 1972-77*, Lisboa, Gabinete da Área de Sines
- SOARES, J. 1988. "O Povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico/Calcolítico da Região de Ródão-Nisa: Notícia Preliminar", in: *Alto Tejo*, 2, Vila Velha de Ródão, pp.3-6.

Fst. I:

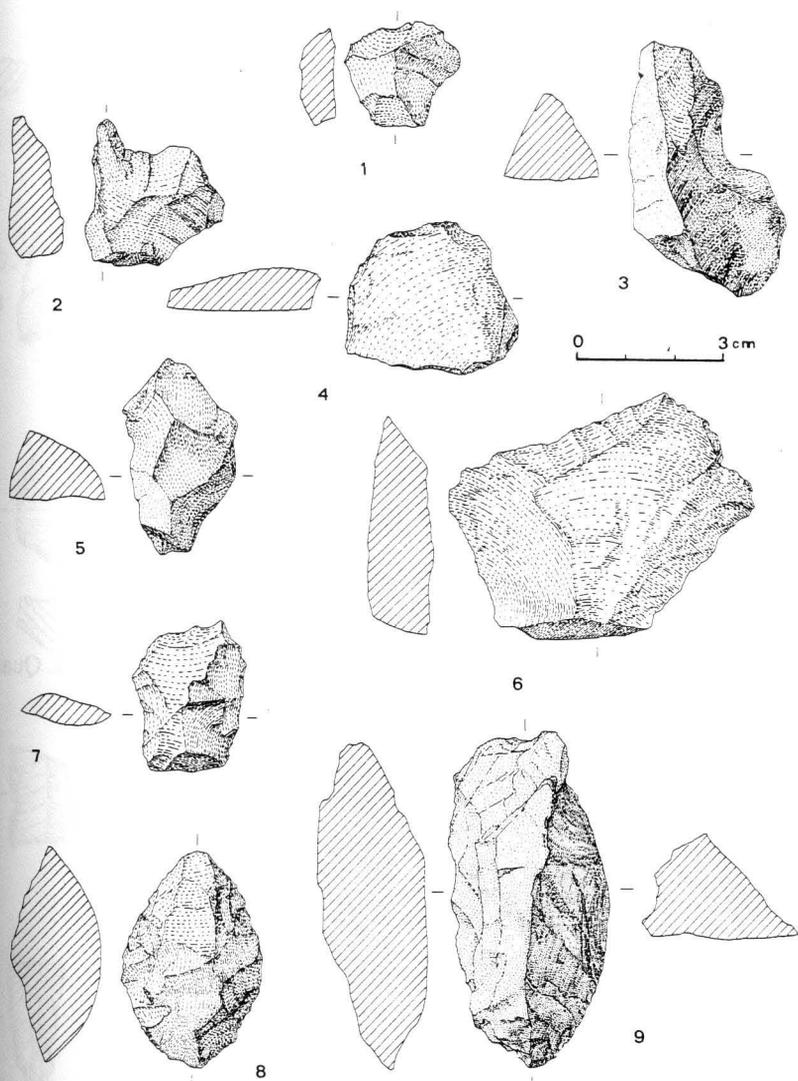
- 1- Raspadeira sobre seixo.
- 2- Denticulado sobre lasca. Quartzito.
- 3- Raspador sobre seixo. Rocha metassedimentar.
- 4- Raspadeira semicircular sobre lasca. Quartzito.



Est.II



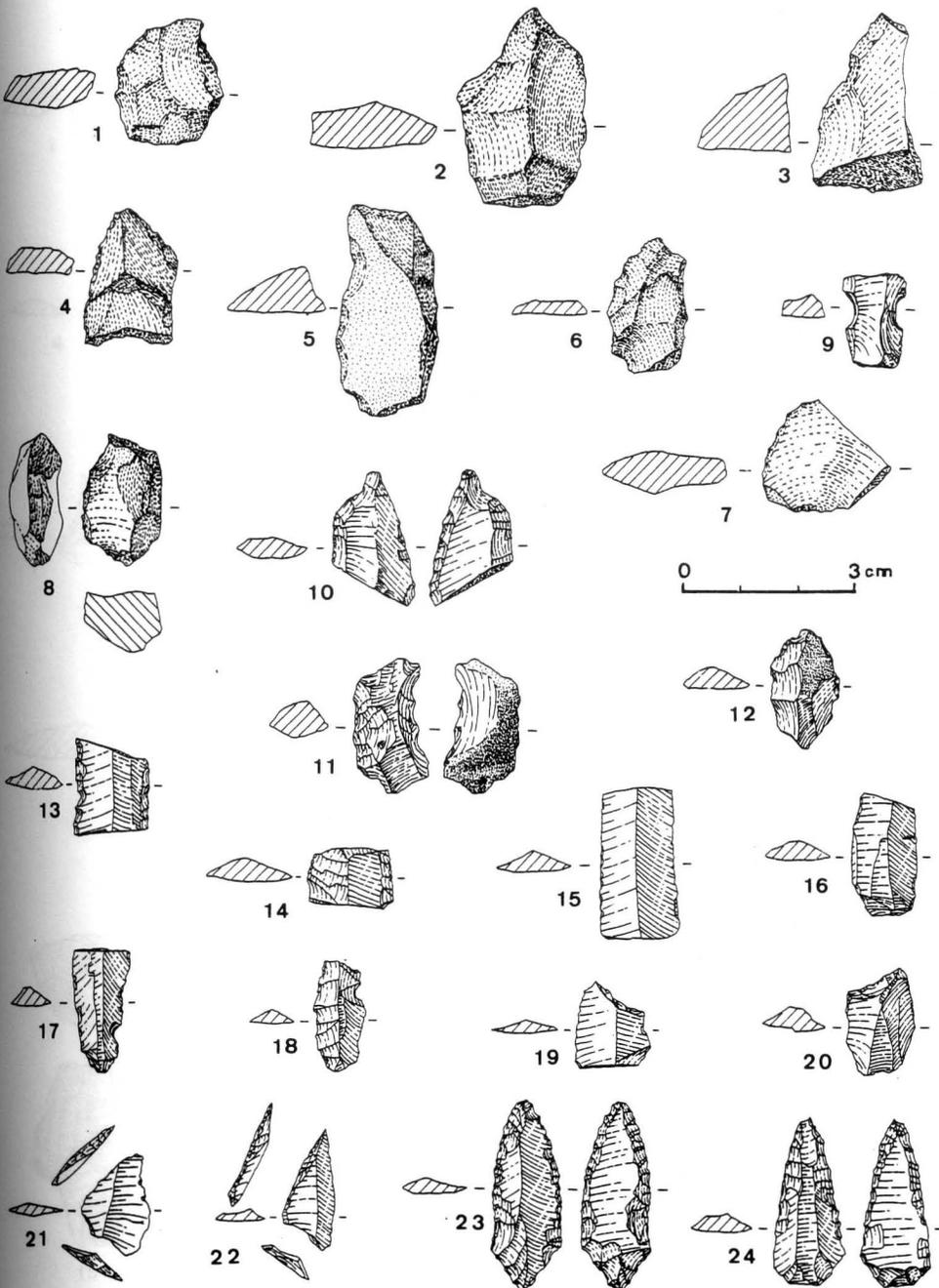
1- Raspador simples rectilíneo sobre seixo. Quartzito; 2- Raspador duplo sobre fragmento de seixo. Quartzito; 3- Lasca com indícios de utilização no bordo esquerdo em raspador simples convexo. Quartzito.



1- Lasca com vestígios de utilização. Quartzo translúcido; 2- Peça composta ("encho" e furador). Quartzo; 3- "Encho" sobre fragmento de seixo. Quartzo; 4- Lasca retocada. Quartzito; 5- Fragmento de núcleo de crista. Quartzito; 6- Raspador simples rectilíneo sobre lasca. Quartzito; 7- Lasca retocada com bico na extremidade superior. Quartzito; 8- Raspador duplo convexo e convergente, espesso, sobre seixo. Quartzo; 9- Raspador simples rectilíneo. Xisto silicioso.

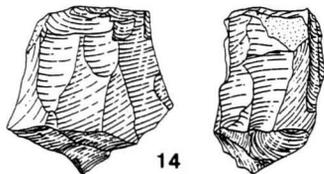
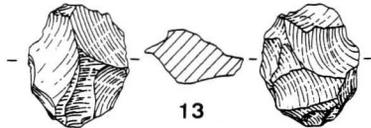
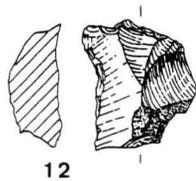
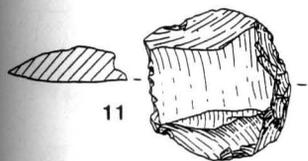
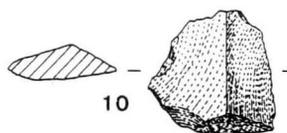
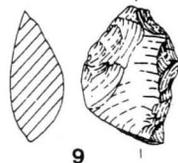
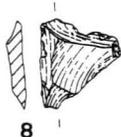
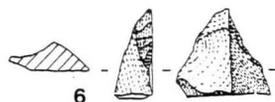
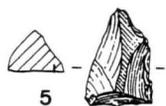
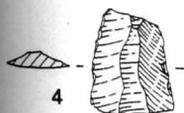
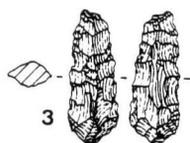
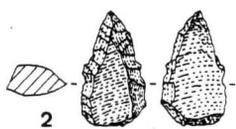
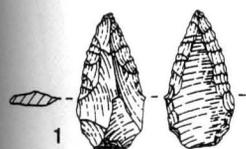
Est. IV

- 1 - Bico. Quartzito.
- 2 - Buril de ângulo. Quartzito.
- 3 - Denticulado sobre lasca. Quartzito.
- 4 - Lasca apontada com vestígios de utilização nos dois bordos convergentes. Quartzito.
- 5 - Lasca laminar, retocada num dos bordos. Quartzito.
- 6 - Lasca laminar retocada em ambos os bordos. Quartzito translúcido.
- 7 - Lasca retocada. Quartzito.
- 8 - Raspador simples convexo, de retoques abruptos. Sílex.
- 9 - “Encoche” duplo. Sílex.
- 10 - Furador (?) dissimétrico. Sílex.
- 11 - Denticulado laminar de retoque cobridor. Sílex.
- 12 - Denticulado sobre lasca. Sílex.
- 13 - Fragmento de lâmina, retocada. Sílex.
- 14 - Fragmento de lâmina retocada. Sílex.
- 15 - Lâmina. Sílex.
- 16 - Lâmina. Sílex.
- 17 - Lamela. Sílex.
- 18 - Lamela com entalhe, retocada. Quartzito.
- 19 - Truncatura oblíqua retocada sobre lasca. Sílex.
- 20 - Truncatura oblíqua retocada, sobre lasca. Sílex.
- 21 - Trapézio de base côncava. Sílex.
- 22 - Triângulo de base côncava. Opala.
- 23 - Ponta de seta de base triangular. Sílex.
- 24 - Ponta de seta de base convexa. Sílex.



Est. V

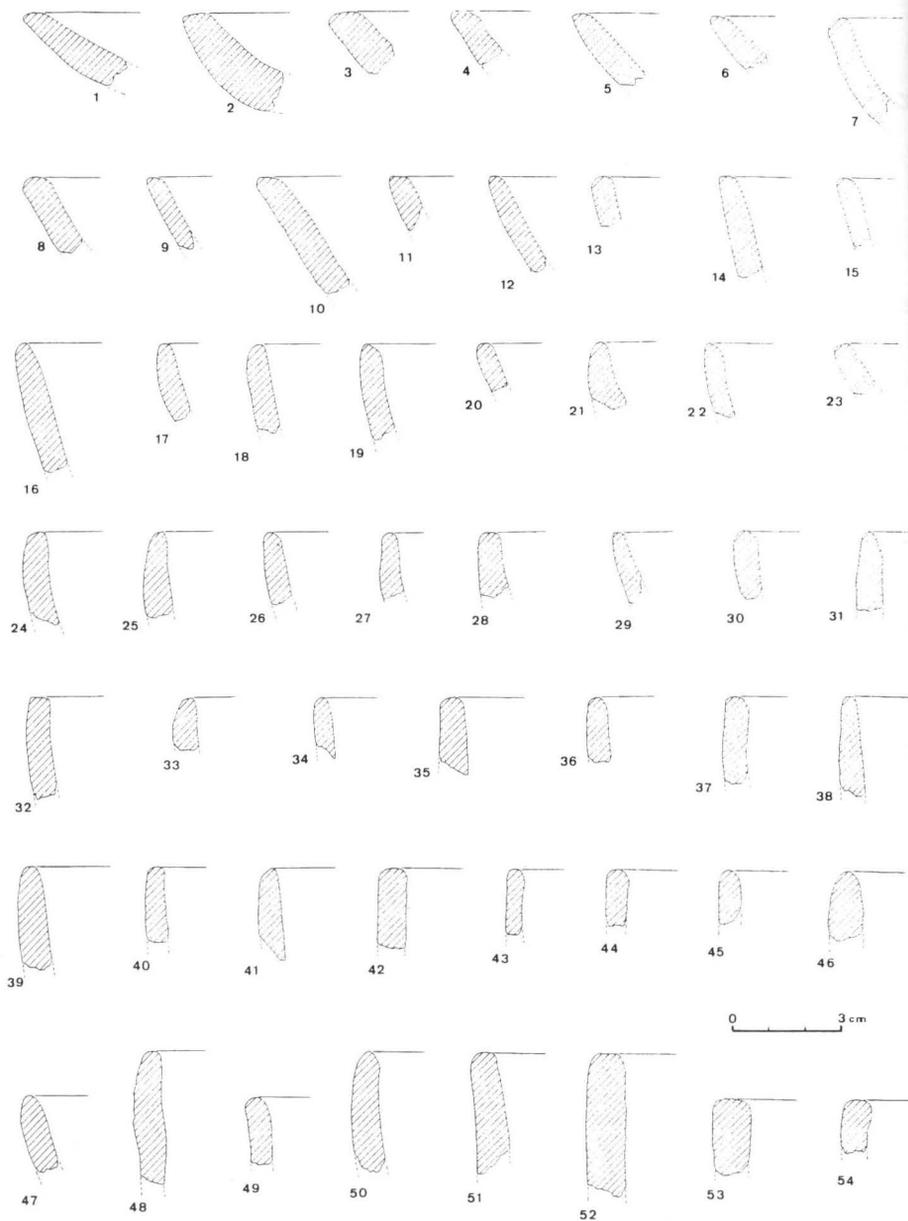
- 1 - Ponta de seta de base convexa. Sílex.
- 2 - Ponta de seta de base convexa. Quartzo.
- 3 - Ponta de seta de base convexa de retoque bifacial cobridor. Sílex.
- 4 - Lasca laminar com vestígios de utilização. Sílex.
- 5 - Lasca espessa, retocada no bordo direito. Sílex.
- 6 - Lasca retocada lateralmente. Sílex.
- 7 - Lasca de retoque abrupto. Sílex.
- 8 - Lasca com vestígios de utilização em dois bordos. Sílex.
- 9 - Lasca retocada. Sílex.
- 10 - Lasca retocada em ambos os bordos laterais. Sílex.
- 11 - Lasca com vestígios de utilização. Sílex.
- 12 - Lasca com o bordo esquerdo retocado, côncavo. Sílex.
- 13 - Núcleo discóide exausto. Sílex.
- 14 - Núcleo prismático para lascas lamelares. Sílex.
- 15 - Núcleo de lamelas. Sílex.
- 16 - Núcleo de lamelas. Sílex.



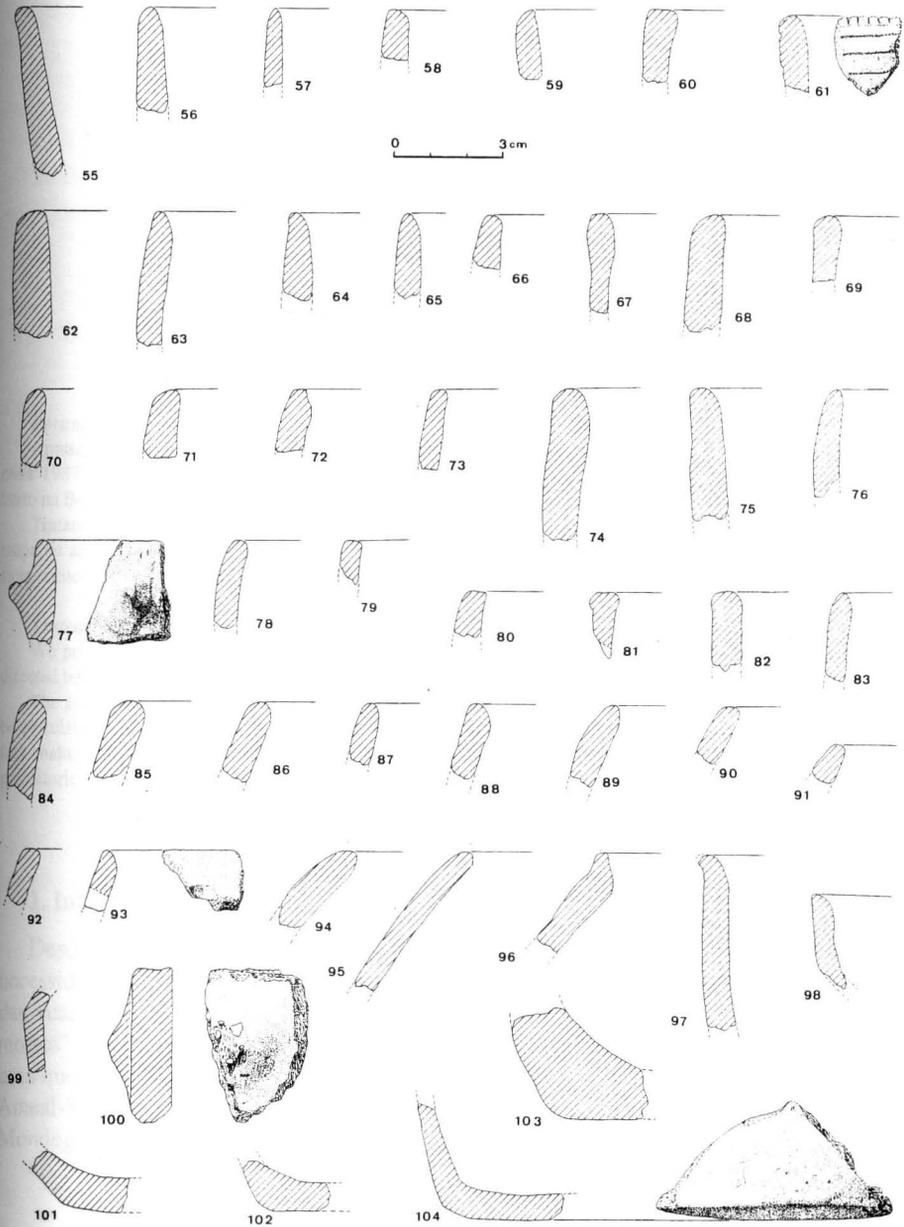
15

16

Est.VI



Cerâmica



Cerâmica